

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 30 DE OUTUBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 96.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

| | |
|---------------------------------------|------------------|
| Expediente..... | |
| Galeria do elogio mutuo II | |
| Filinto de Almeida..... | V. MAGALHÃES. |
| Historia dos sete dias..... | FILINDAL. |
| Bellas Artes..... | A. PALHETA. |
| José Bonifacio..... | V. MAGALHÃES. |
| » » poesia..... | F. DE A. E V. M. |
| Beijo mortal, soneto..... | A. A. L. VIEIRA. |
| Machado de Assis..... | ABEL D'ALBA. |
| Jornaes e revistas..... | S. |
| Canção..... | A. PARAISO. |
| Notas bibliographicas..... | F. |
| Theatros..... | P. TALMA. |
| A flor de sangue, soneti- lho..... | H. DE M. |
| Sport..... | L. M. BASTOS. |
| Factos e Noticias..... | |
| Annuncios..... | |

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

| | |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre..... | 4\$000 |
| Anno..... | 8\$000 |

PROVINCIAS

| | |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000 |
| Anno..... | 10\$000 |

Sr. C. DE A.—Rio Claro—Sendo as consultas regalia exclusiva dos assignantes *quites* d'A Semana, queira V. S. dizer-nos o numero do recibo que o colloca nessas condições.

Sr. T. O. TOSTES — Miracema — Afim de ser satisfeito o seu pedido, queira dizer-nos o numero do ultimo recibo em seu poder.

Sr. J. F. S. JUNIOR. — Nictheroy. — Diga-nos V. S. o meio por que poderemos cobrar a sua assignatura: O correio encontra sempre V. S. para lhe entregar a folha, mas o nosso cobrador não é tão feliz. Acresce que o recibo está em poder de V. S.

Sr. M. G. M. Dantas. — Rio Grande do Norte. O seu pedido pôde ser satisfeito, mediante a quantia de 6000 rs.

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

II

FILINTO D'ALMEIDA

Este sujeito nasceu no Porto, a 4 de Dezembro de 1857. Aos 10 annos de idade mandou-o um tio para o Brazil, e cá ficou elle, lançado no labyrintho do commercio sem outras recommendações mais do que a sua exquisitissima cabeça cajuana e os seus fortes biceps de repazote robusto e são.

Caixeirou em muitas casas e em varios ramos de commercio; mas — e ainda ha quem não creia no dedo da Providencia! — era de preferencia em papelarias que se empregava esse futuro consumidor de papel. D'essas casas sahia por duas ordens de razões: — A principio por não poder aturar os desaforos e os barbarismos dos patrões e por levar frequentemente á cabeça dos companheiros mais graduados do que elle na hierarchia caixeirol, ora a noção da concordancia grammatical, quando claudicavam na vernaculidade ao transmittir-lhe as ordens do serviço, ora o cabo da vassoura ou a regua da pautação, quando claudicavam na cordura e civilidade exigiveis de quem tomou chá em criança. Depois entrou a sahir das casas de commercio para ir... jornalisar e litteratar.

Porque, a não ser o theatro, a unica cousa que realmente o occupava, interessava e seduzia na sua phase de caixeirol era — o jornal. Por isso quando não estava decorando, ás escondidas — e Deus sabe em que esconderijos! — o papel de Bonifacio, na *Morte do Gallo*, é porque estava escrevendo para *O Domingo*, um jornalzinho escripto e dedicado á illustre classe caixeirol; o que sempre acontecia a deshoras, depois que os patrões adormeciam. O dono d'*O Domingo* vinha buscar, depois de fechadas as portas, á casa Coursell, na rua da Alfandega, as tiras que o seu collaborador havia escripto na véspera, á luz parca do lampeão, diminuida para não acordar com o clarão os companheiros dormentes, e á poetica musica do seu dormir tempestuoso: uma *somnata* de... roncos!

Um dia Filinto foi ao patrão, e disse-lhe:

— Deixo hoje de ser seu empregado.

O patrão empallideceu... Pudéra! Aquelle rapaz era um verdadeiro iman á freguezia do varejo, que elle attrahia e retinha com a delicadeza do seu tracto e a communicativa alegria da sua conversa. A' custa de uma simples pilheria vendia o artigo mais caro do que outro qualquer, e isso sem difficuldade e sem que o freguez de tal desconfiasse.



— Mas porque é que sae?

— Eu... — e Filinto tomou um ar imperativo de embriionario Girardin — eu abandono o commercio...

— Ein ? ! !

— Entro para o jornalismo.

O patrão encarou-o, entre pasmado e condoido, embolsou-o do saldo que tinha na casa, abraçou-o e desejou-lhe venturas e juizinho, « muito juizinho, meu rapaz. » No dia seguinte o ex-caixeirol Filinto d'Almeida estava sentado gravemente á mesa de redactor d'*O Domingo*. Este jornal viveu um bom numero de domingos, graças ao prestigio que o seu redactor (*chapeau bas!*) gosava entre os seus antigos collegas.

A vida do jornalismo foi-lhe no começo como ainda o é, um pouco dura de roer. O illustre principe do jornalismo... caixeirol comia uma vez ao dia. Quando almoçava não jantava; e vice-versa. Elle procurava fazer crer ao seu estomago, quando jantava, que não teria appetite para almoçar no dia seguinte; e quando almoçava, que o havia feito com tal abundancia que jantar seria procurar uma apoplexia ou uma indigestão.

Acabado *O Domingo*, entrou Filinto para a *Gazeta da Noite*, d'esta ao fim de tres mezes voltou para o commercio, do qual sahio depois para ir fundar e

dirigir *A America*. Submerso este continente, tão promissor de riquezas, no grande mar da imprensa, volveu ainda Filinto ao saudoso e maternal balcão da casa do Coursell, que então gyrava sob outra firma.

E assim nessa dansa—do balcão de caixeiro para a mesa de redactor e d'esta para aquelle—tem vivido o meu pobre Filinto e viverá até que um dia, finalmente, um Villemessant cá da terra consiga reconhecer o valor d'este ductil, multiforme e incisivo talento de jornalista, e queira aproveitá-lo, compensando-lhe o trabalho na medida do seu valor.

Ainda ultimamente, em 1884, era elle a um tempo co-redactor do fallecido diário *Meio-Dia* e gerente da photographia Henschel.

Hoje está totalmente fora do balcão. E eu, o seu maior amigo e mais fervoroso admirador, tenho o orgulho e o contentamento de dizer que é na minha modesta folha que elle escreve, que elle é redactor d' *A Semana*.

Não se imagina o que vale este demónio em uma redacção.

Elle faz chronicas — e que chronicas ! as mais engraçadas e criteriosas que se lêem no jornalismo fluminense — ; elle faz a local do momento — curta, incisiva, hilariante; elle faz critica, — critica de justiça e bom senso, sem farfalhices de erudição catalogica, nem pedantescos rigores; elle faz o artigo serio sobre o facto grave do dia; elle faz critica theatral, — e como poucos: com inteira isenção de juizo, completo conhecimento do theatro e admiravel precisão de analyse — é d'elle o que de melhor tem vindo nesta folha com a assignatura *P. Talma*; elle faz o necrológio, a troça em prosa e em verso, o artigo de censura e o artigo de applauso; elle faz o diabo; elle faz tudo o que um jornalista, que o seja, deve fazer, e tudo com a mesma facilidade e limpeza: com criterio, naturalidade e grammatica.

A grammatica é a sua mania. Nunca a estudou; e é por isso que a sabe como tresentos Corujas.

Digamo-lo já: Filinto não aprendeu grammatica porque nunca lhe ensinaram essa cousa. Nem essa nem nenhuma outra. Nunca lhe ensinaram nada. Mas elle ensinou os que nada lhe ensinaram; e ensinou-os aprendendo de tudo um pouco. Para isso conseguir tem duas forças enormes: um extraordinario poder de intuição e uma grande faculdade assimilativa. Filinto tem o faro da tolice, do erro, da impropriedade. Farisca-as de longe, como um perdigueiro as perdizes. E além d'isso põe muito cuidado no que faz. Não se arisca em terreno que não conheça; nem avança um passo sem a certeza de que o não dará em falso. E' uma especie de Sarcey no tractar a lingua e no tractar os assumptos: é correcto e sensato. Mas leva-lhe vantagem na vivacidade do espirito e no brilhantismo da forma.

Ultimamente, com a poesia *Hosana!* e com a Ode a Machado de Assis, deu nova demonstração do muito que estuda, presa e conhece o ouro puro da lingua de Vieira e Camões.

Tem uma espantosa vocação para o estudo das lingoas vivas. Das mortas apenas tolera a do Rio Grande—com batatas. Adivinhou a pronunciaçao do francez, do hespanhol e do italiano. E quem o vir a dar á lingua com um certo amigo seu, legitimo teuto, ha de pensar que elle está falando a lingua de Schiller e Goethe, e que a conhece... como as suas tresentas gravatas!

Ha quasi cinco annos, dei-lhe este paternal conselho:

« Torce o pescoço ás musas, manda ensopá-las com batatas e offerece-as á tenia (ex-tenia, hoje, pois Filinto já conseguiu, ha muito, ver-se livre d'ella.) E' tempo de perdeses o habito de versificar e de adquirires o da Rosa.

Esse poeta que entre!

E que saia esse commendador! » (*)

Conselho perdido inteiramente, pois que o homem continuou a tanger a lyra. E tanto, que já mettu no prelo o seu esperado volume de versos. Chamou-o simplesmente *Lyrica* de Filinto de Almeida. E' um livro de primeira ordem. Aquillo sim, é poesia: ali sente-se uma alma francamente inspirada e que canta as suas inspirações com a maxima sinceridade emocional e o mais religioso amor da forma. Versos sentidos, correctos e naturaes. O que lhes possa por ventura faltar em fulgurações de imaginação, sobra-lhes em delicadeza e variedade de sentimentos, frescura de rythmo e riqueza de rimas.

Filinto é o sugeito mais engraçado e mais alegre que eu conheço. Tem por divisa este paradoxo: « Quanto mais triste—mais alegre. » Não ha tristeza que o vença. E' esta a sua força, a sua clava herculana. Ai d'elle, se lhe faltar! E não lhe ha de faltar emquanto não lhe entrar pelo estomago esta calamidade que me devasta, que me amarella, que me enfunebrece: — a dyspepsia. Filinto é, além do « triste mais alegre », o « preguiçoso mais trabalhador » que eu conheço.

Não tenho espaço para explicar mais este apparente paradoxo. Quem quizer que o entenda.

Assim como já não ha meio de vencer os povos de que a Sarah Bernhardt não é magrissima, nem é feia, tambem já não é possivel desconvençel-os de que o Filinto tem uns pés enormes.

Pois bem: o seu coração é tão grande, tão grande que não caberia dentro de um dos seus sapatos!

E ahí fica um pouco do que penso sobre aquelle de quem digo, contente, como disse Sarcey de Edmundo About: « o meu querido, o meu bom, o meu inseparavel Filinto. »

VALENTIM MAGALHÃES.

A Galeria do Elogio Mutuo foi recebida e noticiada pelos nossos collegas diarios pela maneira seguinte:

O Paiz:

« *A Semana* (n. 95) inicia uma nova secção sob a epigrapha — Galeria do elogio mutuo. Constará de pequenos perfis humoristico-biographicos de alguns dos nossos homens de letras, para escandalisar adrede aquelles que a todo o proposito, e ás vezes por mal contido despeito, atiram a pecha de « camaradagem mutua » a um grupo de moços talentosos e activos, que, prejudicando os seus interesses materiaes e assoberbando os preconceitos de uma sociedade exclusivamente mercantil, esforçam-se por impulsionar um pouco a nossa tão minguada litteratura.

Cada perfil é acompanhado de uma caricatura do biographado; a do presente numero é de Valentim Magalhães, por Filinto de Almeida. »

(*) *Gazetinha* n. 85, de 12 de Fevereiro de 1882. (Typos e Typões, « Filinto de Almeida », por Vicente Mindello.)

N. do A.

A Gazeta de Noticias:

« *A Semana* enceta a sua serie das annunciadas patifarias, publicando a biographia e retrato de Valentim Magalhães, traçada aquella por Filinto de Almeida — ou em linguagem: o elogio mutuo desmascarado, desmascarando-se.

A verdade é que o biographador foi exacto e justo; porém a verdade verdadeira é que mais justo e exacto foi o lapis do desenhista: vestiu de paletot um cabide de braços e poz-lhe por cima uma mascara de seminarista. Ficou dos taes: « só falta falar. »

HISTORIA DOS SETE DIAS

O espolio da semana passada não foi lá muito alegre; e esta começou triste.

Já uma vez o disse e agora o repito: nesta secção risonha não cabem lagrymas. Mas, aos que sempre riem, aos que nos trazem o inestimavel consolo da alegria devemos por certo permittir a expansão dolorida de um sentimento pungitivo e amargo. Só quem não vio e ouviu José Bonifacio poderá ter ficado impassivel com a noticia da sua morte.

E eu vi aquella formosa cabeça de homem agitar-se na tribuna parlamentar, acompanhando em movimento harmonico o dulcissimo e vehemente concerto da sua voz! Eu tive a ventura de ouvir aquella palavra inspirada, aquella eloquencia arrebatadora e magica. aquelle formidando caudal sonoro, que ia do ouvido ao coração e ao espirito, commovendo-nos, agitando-nos, convencendo-nos, penetrando-nos com o seu alto ideal de Justiça, communicando-nos a sua paixão, emprestando-nos a sua força, unguindo-nos da sua vibrante poesia!

Eu extasiéi-me naquella estranha harmonia, tremi de entusiasmo, chorei de commoção, por vezes me levantei arrebatado pela onda sonora d'aquelle verbo, por vezes fiquei suspenso d'aquelles labios frementes, onde parecia que uma aguia monstruosa estava cantando as variadas e mysteriosas cavatinas de um rouxinol!

Eu assisti á immensa solemnidade da memoravel oração de 28 de Abril de 79!

Tenho ainda bem presente na memoria a enorme explosão do entusiasmo das galerias e da propria camara, que unanimemente rebentou numa ruidosissima salva de palmas, quando o grande orador, dirigindo-se ao general Ozorio, então ministro da guerra, lhe disse:

« Eusou a gloria, venho do Paraguay; pousei um instante no campo da batalha de 24 de maio; atravesssei os banhados; dormi na barraca em que primeiro cravastes a vossa gloriosa lança; sentei-me sonhando ao vosso lado sobre os muros do Humaytá; inda hoje julguei descobrir-vos por entre os nevoeiros que desciam das cabeças dos montes e ouvir a vossa voz nas ventanias que atravessavam o rio; já não achei flores na solidão da morte para tecer-vos uma corôa; trago-vos um rosario de lagrymas; guardae-o para enfeitar a vossa espada; porém olhae — a banda que vos cinge não é cadeia de escravos, é flammula de homens livres. »

Nunca na minha vida ouvi palavras que mais me entusiasmassem e commovessem. Por isso pago hoje aqui a minha divida de emoção com meia duzia de phrases pallidas, que me fellece o oiro do talento e a largueza do espaço para dizer do grande espirito que foi José Bonifacio de Andrada e Silva.

A chronica local da semana passada

encerrou-se com o tumultuario julgamento de Francisca de Castro.

Como o juiz appellou da sentença do jury, esta senhora está ainda sob a acção da Justiça. Longe de nós a idéia de querer a condemnação da ré sem provas concludentes dos delictos. Mas, se se nos permite uma observação desapaixionada, sempre diremos que estranhámos a resposta do jury ao primeiro quesito, resposta que negou á ré a auctoridade das sevicias nas pessoas de Joanna e Eduarda, depois da confissão da ré e da do seu marido.

Admittindo mesmo a attenuante ou irresponsabilidade da loucura da accusada, entendemos que o processo não estaria ainda terminado: porque se a accusada é louca, deve ter um responsavel pelos seus actos, e esse responsavel não poderia ser outro senão o marido, isto é — o homem que cohabitava o mesmo tecto. Isto é principio assente desde de tempos immemoriaes. Já S. Paulo dizia no cap. I, v. 32 da *Epistola aos romanos*: « Os que fazem semelhantes cousas, são dignos de morte: e não somente os que estas cousas fazem, senão tambem os que consentem aos que as fazem. »

Certo que para isto seria necessario um segundo processo. Mas a hediondez do crime exige terminantemente a insistencia da Justiça.

O que, sobre ser clamorosamente injusto, nos pareceu inepto partindo de um advogado, foi a repetidissima apostrophe de delator que o Sr. Ignacio Martins atirou ao Sr. Sizenando Nabuco. Delator como? Delator é o que delata, e delatar, na accepção vulgar, é denunciar secretamente, occultamente, com fim doloso ou interesseiro.

Ora o Sr. Dr. Sizenando deu uma denuncia publica, não fez nenhuma delação á má parte, como quiz insinuar o advogado da ré, com o fim de provocar a antipathia dos juizes e do publico para o patrono das duas victimas.

Não, meus amados senhores; o Dr. Sizenando não era ali delator: era o advogado gratuito e absolutamente desinteressado do opprimido contra o oppressor, do fraco contra o forte, da victima contra o algoz, do escravo contra o senhor. A sua posição é que era a sympathica, é que era a nobre, é que era a justa; e não a vossa — que estaveis ali defendendo uma ré confessa, e defendendo-a por dinheiro e bom dinheiro.

A doutrina contida na vossa apostrophe insensata e nefanda não tem a menor valia; dado que a tivesse, o nobilissimo cargo de promotor publico seria o mais vil e o mais odioso dos cargos. Eo promotor não é delator — é denunciante. Elle não accusa por accusar. Accusa como advogado da Sociedade contra o crime, como defensor dos cidadãos honrados contra os delinquentes.

Este vergonhoso facto é em vós mais censuravel do que em outro qualquer, porque vós o praticades com sciencia e consciencia, por isso que conheceis o fundamento da doutrina juridica como doutores em Direito que sois.

Ainda ha pouco tempo nos referimos aqui ao patusco e assás debatido canal do Mangue. Agora lemos que o engenheiro Revy, aquelle engenheiro que se celebrou com o escandalo dos açudes do Quixadá, apresentou ao governo um projecto relativo ao sobredito canal e que nesse projecto o Sr. Revy propõe-se a tornar aquillo navegavel.

A vista d'isto eu nada mais farei do que dar os meus parabens ao Lesseps da Cidade Nova e aos povos do Aterrado. Ai, quem me dera poder embarcar para a Europa num transatlantico que fosse galhardamente do Rocio Pe-

queno, ao lado da rua do Visconde de Itauna, e enveredasse depois pela rua de Miguel de Frias até Lisboa ou Bordeaux!

Do meu reporter especial, que nas longes terras de S. Paulo segue e persegue o imperador, recebi uma interessante carta, que não publico por ser muito extensa, e os seguintes telegrammas:

S. Paulo, 21, 11 da noite.

« Imperador 10 da noite passei ilha Amores. Gravou nome bambú. Poetico.

S. Paulo, 22, 6 da manhan.

« Estamos partida Campinas, estação ingleza. Passagem gratis. Bem bom.

Jundiahy, 22, 8 da manhan.

Trem parou cinco minutos. Foguetes hymno. Subdelegado fitão vivas. Imperador enguliu seis pasteis fome não teve tempo inastigar. Partimos.

Campinas, 23, 3 da tarde.

Imperador visitou casa *Notre Dame*. Gostou. Perguntou Mathias, abraçou Diogo como vae essa força, beijou Duque. Ouviu piano fundos casa sublime. Recitou quadra Itu delirio. Comprou renda valenciana pequena, boa barata. Antonio alfaiate presenteou par calças.

Campinas, 24, 9 da noite.

Hospedados casa Tres Rios largo Rosario. Chá, biscoitos bisca e vispora vintem. Imperador infeliz bisca, feliz vispora, ganhou pataca. Protestos.

Campinas, 25, 1 da tarde.

Carlos Ferreira, Barcellos, Sarmento demagogia litteraria dió sonetos. Veja você, esta só pelo diabo!

Sabbado publicarei os que fôr recebendo durante a semana.

FILINDAL

BELLAS ARTES

Vinte oito estudos formam a pequena exposição realizada pelo pintor Baptista Castagneto, no Salão Vieitas.

Em Maio do corrente anno, quando elle fez uma exposição de seis quadros, nesse mesmo salão, escrevia o auctor d'estas linhas — que era para coroar seus visiveis e felizes esforços que não lhe regateava elogios. Hoje, mais do que nunca, estou satisfeito com a minha consciencia por haver escripto tal phrase. Artista ainda estreante que faz quadros como esses que ahí estão, tem um futuro seguro e largo; é uma realidade.

Castagneto vê rapidamente e é sincero na sua impressão; porém o que lhe falta é *ver tudo*, todos os accidentes da linha, da cor e da luz. Para isto possui elle um excellente orgão visual, mas faz-se preciso educal-o com assiduidade de trabalho, estudando um puncto tantas vezes quantas forem os aspectos que esse puncto apresente pelos efeitos de intensidade ou diminuição da luz, em determinadas horas do dia.

Em geral os artistas que estudam ao ar livre magoam-se quando se lhes nota um efeito falso de luz, qualquer fraqueza de forma ou de cor; e, no entanto, são os primeiros a afirmar a difficuldade de pôr na tela toda a impressão absorvida na retina. Para ficar seguro do assumpto, para conhecer bem a physionomia do lugar que se tomou por *objecto*, Ruskin recommendava aos paesagistas que antes de começar o trabalho fizessem um pequeno furo de alfinete em um cartão e por elle fitassem o puncto escolhido; mas esse processo

parece-me ser de insignificante resultado. Tenho como mais efficaz o methodo de que acima falei, porque essa gymnastica, diariamente feita, acaba por habituar a vista a perceber, de uma só vez, a complexidade e os detalhes do puncto.

Mas... dizia eu: falta-lhe ver tudo, e esta falta leva-o ao commettimento de erros como o do quadro n. 4 (Praia de Jacuacanga) onde uma canoa enorme, em relação ás linhas predominantes e as do afastamento, produz um pessimo efeito; como o do n. 12 (Pontão da ilha do Moreno) em que a mancha de terra, á direita (terreno plano) está muito acima do horisonte, quando as pedras que figuram no centro do quadro têm a sua base duas ou tres linhas abaixo do horisonte.

Ainda é devida a esta falta a carencia de calor no colorido, posto que sejam da predilecção do artista as cores frias e os tons claros. Ao vigor do toque não corresponde a quentura da cor. Todos os quadros seus, junctos, apresentam uma sensivel falta de *brio* nas tintas, mesmo aquelles que parecem estudados á ampla luz dos dias caniculares.

Dizem os paesagistas que « á força dever quente faz-se frio... » Desculpa incongruente, se não for puerilidade.

Este defeito provem da simples necessidade de observação profunda, de exame nitido dos valores e dos complementarios. Para fugir da quenda é preciso que o artista saiba manejar as tintas, conhecendo bem o artificio da juxtaposição dos tons e o uso das *cores amigas*. E é este conhecimento dos segredos da palheta que forma e notabilisa os coloristas.

Pondo de parte esses senões, que, por figurarem em obra de quem muito ainda virá a ser, mereceram as ligeiras observações ali exaradas, a sua exposição deve ser considerada mais uma prova de estudo e de talento privilegiado.

Ali ha quadros que valem o quadruplo dos preços insignificantes em que foram estimados pelo auctor.

O n. 23 tem umas pedras tão bem pintadas como as melhores pedras pintadas por G. Grimm; a marinha (n. 21) é de uma tonalidade suave e leve, o pequeno barco ao centro do quadro dá um encanto todo sereno e feliz áquelle puncto ennevoadado e calmo. No n. 4, apesar da enorme canoa do primeiro plano, ha o efeito da maré-vasante traduzido com singeleza e fidelidade e no engenho da fazenda da Boa Vista a expontaneidade do toque harmonisa-se com a grande observação do natural; as paredes do engenho, as pedras musgosas e o terreno do primeiro plano são primorosamente pintados. O n. 11, efeito de céu nublado, a paesagem de Jacuacanga, o rancho da praia, são tres estudos dignos de muita attenção pela precisão dos efeitos; o n. 8, tem no primeiro plano um bonito estudo de gradação de verde e o « encanamento do engenho » é, para mim, o quadro de colorido mais brilhante. Este puncto, simples e encantador, forma uma preciosa obrasinha, observada com delicado sentimento. Por baixo do aqueducto, que faz lembrar as paesagens italianas, está manchada, com intraduzivel garridice, uma figurinha que se move lentamente em direcção da estrada. O céu é de azul intenso e luminoso, e a velha parede do engenho, estorroadada, ferida pelas intemperies, invadida pelas heras, erguida no triste solo pisado por escravos, recebe os beijos alegres de uma esplendida manhã de primavera.

Ao joven artista os meus parabens.

ALFREDO PALHETA

N.º-8 DE NOVEMBRO DE 1827

JOSÉ BONIFACIO

M.º-26 DE OUTUBRO DE 1886

Saudade immensa e immensa solidão!
J. Bonifacio. (*O Redivivo*)

Ai de nós! vão partindo, vão nos deixando, um a um, os poucos grandes homens d'este paiz, os raros brasileiros que deram tudo ao Brazil: em vida — o braço, o cerebro e o coração; na morte — a herança dos seus nomes e o exemplo das suas vidas.

Havia ultimamente dois homens — os dois ultimos robles do velho carvalho de heróes, devastado pela morte — dois homens que representavam nesta infeliz terra, estrangeira aos proprios filhos — a Luz, o Ideal, o Futuro. Eram José Maria do Amaral e José Bonifacio de Andrada e Silva. Dois poetas, dois patriotas. Duas grandes almas irradiantes e puras, que dominavam e illuminavam a patria como dois alcantís andinos de rija neve, rutilando ao sol da manhã, na solidão altissima da sua grandeza.

E todos quantos sonhamos a felicidade da patria; todos quantos carecemos de dilatar o espirito, abafado na mesquinhez d'este viver mercantil e politico, aspirando a largos haustos as almas immaculadas e sans dos poetas e dos heroes; todos quantos recusamos a genuflexão da idolatria aos pequenos « grandes homens » amassados em barro e ouro, sonóros porque vasios e óccos; todos quantos vemos um pouco além do caféiro e do pennacho dos Thiers de aldeia; todos nós, emfim, que entendemos não ser o negro, o café, a borracha e a canna de assucar as maiores riquezas do Brazil; todos nós gostavamos de erguer os olhos, o espirito e o coração para aquellas culminancias fulgidas e de nellas beber avidamente — luz para os olhos, verdades para o espirito, conforto e paz ao coração...

Dos labios d'aquelles homens nunca descia a mentira, nem cahia a injuria, nem manava o embuste: dos seus labios manava a consoladora poesia, cahiam as pérolas do perdão, da bençã, da exhortação, e descia serenamente, como um rio sagrado, a sancta Verdade immaculavel. Nos seus olhos, spasmados, abertos mas dormentes, nunca passava a imagem rubra da Vingança, nem as sombras aureas do Interesse e da Ambição, nem a nevoa escura do Egoismo. Nos seus olhos, limpidos e mansos, bailavam, como as nymphas nos lagos, as illusões e os sonhos; accendiam-se os ideaes; espelhava-se amorosamente a imagem da Patria...

Hoje, ai de nós! — no logar em que se erguiam os dois crystallinos vultos harmoniosos, ha sómente dois fóssos,

duas covas, duas boccas vorazes, escancaradas... Oh! a Terra é mãe piedosa, mas descaravel tambem: se abre por toda parte vulvas fecundas, parindo filhos, por toda parte abre tambem boccas nefandas para devoral-os...

Primeiro tombou José do Amaral, — esse volcão mascarado pelo inverno — tombou com um fracasso estranho e perlongado de canticos e soluços, como a palmeira que, com a queda, acorda e vibra no fundo do rio encantado todas as harmonias das grutas de rubis e cristal.

Um anno depois, agora, é o outro, é José Bonifacio que se despenha subitamente, inesperadamente, no pégo da Morte, espalhando em torno, em vibrações concentricas extensissimas, o espanto, o assombro, a dor estuporante e silenciosa...

Elle era o symbolo augusto de todas as opulencias, de todas as bellezas e de todas as pujanças da terra em que nasceu a sua alma, d'este Brazil inditoso, que elle ferventemente queria limpar do escarro torpe da Escravidão, fazendo-o digno da honra de pertencer á America. Elle era a corporificação singular do Talento, da Poesia, da Eloquencia, da Idéia, da Luz, em summa. Era um puro. Puro de coração, puro de espirito... Aquelle, nunca foi babujado por um sentimento baixo, nem perturbado por am palpito vergonhoso; este, nunca lampejou idéia, nem traba-

hou jamais que não fosse pelo Bem, pelo Bello e pelo Verdadeiro.

Elle honrou excelsamente a lyra, a tribuna, a imprensa, a cathedra; a béca de mestre, a farda de parlamentar e de estadista, a chlamyde de poeta, a casaca de cavalheiro e a blusa humilde de operario da Civilização. Honrou os avós e os paes; honrou os filhos; honrou a Patria e honrou o seculo.

Dias antes de morrer — presagio horrivel! — escrevera elle este primoroso soneto, que intitidou *Aspirações*:

« Quando eu morrer, ninguem venha chorar-me:
Lancem meu corpo á solidão sem termos;
Eu amo aquelles céus, aquelles ermos,
Onde a tristeza, Deus, vem consolar-me!

Lá, sinto ainda est'alma esvoaçar-me
Etherizada, e eu sonho a renascermos:
Eu e ella, ambos sós, ambos enfermos,
Eu morto já e ella a despertar-me!

Lá, fico aragem, folha, passarinho;
Lá, me transforma em éco a solidão,
E a natureza inteira abre-me o ninho.

O Deus de amor, o Deus da Creação,
Prinde minha alma aos musgos do caminho,
Derrete-me no espaço o coração!... »

Oxalá, poeta, patriota, apostolo, batalhador! oxalá que o teu coração se derretesse no espaço: — o espaço purificar-se-ia, e esta patria, inhalando a nova athmosphera, crearia um novo alento, uma alma nova, e realisaria, gloriosamente, todos os ideaes em cuja conquista gastaste as forças e bebeste a morte!

VALENTIM MAGALHÃES

Nelle a palavra tinha corpo e vida,
Agitava-se em estos e em transportes;
Audaciosa, ingente, convencida,
Erguia os fracos, dominava os fortes.

A sua voz, plangente ou rigorosa,
Vibrava sempre em nome de uma ideia,
Tempestuando irada e victoriosa,
Do entusiasmo da Justiça cheia.

Do phantastico mundo das chimeras
Vinha trazer uns echos não sabidos,
Uns propheticos sons de mortas eras,
Num concerto suavissimo, aos ouvidos.

E cantava! O poeta! — Como ao vento
A harpa eólea, acordando, resoava, —
A sua alma, dulcisono instrumento,
Tambem ao sopro do Ideal cantava.

A palavra extinguiu-se; a voz é morta:
Não mais o espaço e os corações agita.
Viuva do seu verbo, a Patria, absorta,
Nelle embalada ainda, ainda palpita!

Porém se a voz é morta, a sua essencia,
A alma d'aquelles sons, hoje dispersos,
Ficou, em sua limpida eloquencia,
Na musica divina dos seus versos!

26 de Outubro de 86.

FILINTO D'ALMEIDA.

VALENTIM MAGALHÃES.

BEIJO MORTAL

Veio pousar tremendo sobre as flores
que eu prendêra no peito, tão cançada
da lucta estranha em que hoje, desvaivada,
imbelle, se entregára aos seus rigores.

Veio pousar na rosa que de amores
pleno lhe dêra o seio n'alvorada
e que ella abandonára destumbrada
pela luz dos teus olhos tentadores.

E eu disse-lhe: Se pois tens da violeta
e da rosa as aromas, que t'importa
o fulgor de um olhar?» Ouvlo-me inquieta...

estremeceu... vi que hesitava, absorta...
subitamente a louca borboleta,
partio veloz, beijou-te e... cahio morta!

ADELINA A. LOPES VIEIRA

A mais compromettedora das ingenui-
dades é a do escriptor publico.

PADRE SENNA FREITAS

MACHADO DE ASSIS

(NOTAS E COMMENTOS A UM SEU
ADMIRADOR)

A proposito da festa litteraria dada a Machado de Assis, no recente anniversario das *Chrysalidas*, insere a *Provincia de S. Paulo*, com a assignatura de M. O., que não sabemos integrar, um artigo notavel pela grande cópia de conceitos inexactos, já quanto ao eminente litterato cujo nome o inspira e intitula, já acerca de nossa litteratura hodierna.

Diz que Machado surgiu na imprensa ao lado de Bocayuva e Saldanha, os dois valentes polemistas; na poesia, ao lado de Casemiro de Abreu, Octaviano e Gonçalves Braga; no romance, junctamente com Salvador de Mendonça; e a todos excedeu «na sinceridade do culto votado ás Musas, a todos superou pela sonoridade do estro e louçanias da linguagem.»

Só é exacto dizer que surgiu na imprensa ao lado de Bocayuva e Saldanha, porque com elles appareceu no jornalismo; mas, noticiarista e collaborador litterario, nunca os seguiu na discussão politica, e, como jornalista, não creou nome comparavel ao de Quiatino Bocayuva, nem parece que em qualquer tempo o ambicionasse.

A recordação dos poetas com que elle comçou a florescer, se como enumeração é muito incompleta, como exemplificação não é das mais felizes.

Outra infelicidade de citação é dizer que Machado surgiu no romance junctamente com Salvador de Mendonça. Quando este publicou a *Marába*, seu unicoromance, já aquelle era romancista conhecido, pela *Resurreição*, se não quizermos falar no bellissimo volume dos *Contos Fluminenses*. *Yáya Garcia* e *A Mão e a Luva* é que são proximas coetaneas de *Marába*.

Os romancistas nossos que se affirmavam ao mesmo tempo que Machado de Assis,—sem pensar em Macedo, que já estava então em declínio, e em Alencar, que se mantinha no apogeu,—era Bernardo Guimarães, cujos romances posteriores ao *Ermão do Muquem* pu-

blicava, com os de Machado, o editor Garnier, e era Tauuay (Sylvio Dinarte), com a *Mocidade de Trajano* e a *Innocencia*.

O mais arbitrario de todos os juizos do artigo que apreciamos, é afirmar que «actualmente, Machado de Assis e Luiz Guimarães Junior são os dous chefes consagrados da litteratura brasileira.»

Associar ao nome de Machado de Assis, em tão elevado posto, o de L. Guimarães Junior é favor que não pôde passar sem protesto. Para o cohonestar, o como unico fundamento de tão arrojada opinião, o articulista apenas accrescenta que «os cantores das *Phalenas* e dos *Sonetos e Rimas* constituiram com as suas obras uma phase notavel na vida intellectual do Brazil.»

Ora os *Sonetos e Rimas*,—de certo o melhor e mais estimado livro de Luiz Guimarães,—são uma collecção de bonitos versos, sem duvida, mas de segunda ou terceira ordem, mesmo na actual poesia brasileira. Não pôdem, absolutamente, conferir ao auctor os fóros de chefe. Mais notaveis que os *Sonetos e Rimas* são os *Sonetos e Poemas*, de Alberto de Oliveira; são as *Symphonias*, de Raymundo Corrêa; são as *Fanfarras*, de Theophilo Dias. Mais poeta, que o apregoado Luiz Guimarães, mais artista na inspiração e na forma, é Olavo Bilac, nome que raiou para as letras ha menos de dous annos.

Nota-se no artigo de M. O. que dos livros de poesia de Machado de Assis parece esquecer as *Americanas*, a sua ultima collecção publicada, que nenhuma vez refere. Temol-as por inferiores ás *Phalenas*; mas não soffre contestação que ha tambem ali composições notabilissimas. E, entre os romances, tem o mau gosto de não indicar a *Mão e a Luva*, umprimor, talvez o mais perfeito de seus livros, a não serem as *Memorias de Braz Cubas*; prefere-lhe, segundo deixa entender, a *Resurreição* e *Helena*, obras mais fracas, embora as riquezas de estylo, que são communs a todas as produções do mestre.

Como lapso, é dos mais escandalosos o que o articulista commette quando diz que «é um verdadeiro crime de lesa-litteratura conservarem-se esparços pelas revistas e jornaes os deliciosos contos de Machado de Assis», e que «prestaria um relevantissimo serviço ás letras patrias o editor que os reunisse num elegante volume, salvando-os assim de morte certa e inevitavel». Dos contos, que o admirador mal informado deseja que se salvem colligidos num elegante volume, ha, felizmente, até a presente data, nada, menos de quatro volumes: são os livros intitulados *Contos Fluminenses*, *Historias da Meia-Noite* e *Papeis Avulsos*. e *Historias sem data*.

«... sobre a individualidade litteraria de Machado de Assis,—acrescenta M. O.,—digamos ainda uma vez o que outros mais competentes já disseram: no meio das escolas litterarias é elle um independente.»

«Bastante forte para caminhar por si mesmo, não imitando ninguem, o cantor das *Chrysalidas* não se deixa manietar pelos preconceitos de escola. Faz a penna correr ao sabor da propria inspiração e só attende ao meio em que vive. *D'ahi vem ser elle o mais legitimo representante da nossa litteratura.*»

Conclue-se que, no conceito de M. O., a nossa litteratura não se subordina a escola alguma. E antes já tem dicto que hoje a litteratura brasileira sagrou mestre a Machado de Assis, «e todos os neophytos seguem-lhe regularmente os passos.»

M. O. está em grande equívoco: a manifestação litteraria que se fez, ha dias, ao emerito poeta e romancista não significa isso, que seria, para muitos dos nossos jovens escriptores, renegar idéas que constantemente affirmam.

Na moderna litteratura brasileira, mormente no romance e no conto, ha uma accentuada feição naturalista, a que Machado de Assis é estranho, e que só muita myopia critica pode ainda agora desconhecer.

O que amigos e admiradores de Machado glorificaram nelle, foi a dedicação ás letras, o trabalho assiduo e fecundo, o talento brilhantissimo, o estudo e a probidade, o muito, em summa, que tem dignificado, com o seu alto exemplo, a classe dos escriptores. Dos nossos homens de letras vivos é, de certo, o mais operoso e o mais illustre.

Tudo isto significou-se-lhe, ha poucos dias, bem claramente, de um modo honroso para elle e tambem meritorio para os que lhe fizeram esta justiça.

Mas, dado ao grande escriptor o que lhe pertence,—e isto se lhe deu com abundancia d'alma,—salve-se, para os que se podem illudir como M. O., a significação do acto: entre os que admiram Machado de Assis e ultimamente o festejaram, muitos ha que divergem de suas predilecções e de sua escola em litteratura.

Machado de Assis, no romance e no conto, cultivou sempre o genero psychologico, o mesmo que ultimamente em França vae tendo uma renovação de estima, mercê dos livros de um novo romancista de primeira ordem, Paul Bourget. Ora, no romance e no conto, a escola hoje preponderante entre os nossos jovens escriptores, é a naturalista, que vem de Balzac e Flaubert e tem como legitimos representantes vivos Zola, Daudet, Ed. de Goncourt e toda a phalange de discipulos, capitaneados por Guy de Maupassant.

Na poesia, é onde o espirito de Machado de Assis menos ha evoluído: se na prosa o culto de Garrett, o classicismo com certo desgarró e gentileza moderna, tem-se-lhe accentuado nestas ultimas feições, na poesia é ainda o mesmo fervoroso adorador dos modelos classicos, com leves toques de romantismo. E a nossa poesia de hoje é disputada por oppostas correntes do romantismo, do naturalismo, do parnasianismo e do classicismo. Está em plena anarchia.

Attenda bem M. O., e perceberá que, muito mais que Machado de Assis, os poetas nossos que tem agora mais imitadores são Luiz Delfino e Raymundo Corrêa.

Na succinta critica que faz á poesia de Machado de Assis, M. O. revela uma falta de observação espantosa. Diz que «seus versos são livres, soltos, inspirados, sentimentaes Eis o termo (resumo deploravelmente). Machado de Assis é antes de tudo poeta de inspiração e sentimento.»

Alóra a inspiração, parece que o critico tinha em vista Casimiro de Abreu, ou, com aquelle termo tambem e principalmente com elle, Alvares de Azevedo ou Castro Alves, isto é, os nossos grandes poetas com que menos se parece Machado de Assis, metrificador escrupuloso, obediensissimo ás regras, poeta sem larga inspiração nem altos vãos, cuidadoso de abafar com vigilante recato a corda sentimental, mas sempre airoso e nobre, distincto e elegante.

Elegante, é que é o termo para elle.

ABEL D'ALBA.

JORNAES E REVISTAS

Houve modificações na firma social e no pessoal da redacção do *Diario de Noticias*. Sahio o socio solidario Manoel Carneiro, passando a firma a ser «Ernesto Senna & C.» e o logar vago de redactor principal a ser occupado pelo antigo redactor Dr. Oscar Pederneiras.

E' curioso : o Sr. Manoel Carneiro tem o talento de crear folhas, de fundar jornaes, mas não tem o de nelles conservar-se. Quando a folha está quasi cheia de gaz e o favor publico, enfundando-a, vae lentamente suspendendo-a... zds: homem ao chão! E' o Sr. Manoel Carneiro que cahio da barquinha. Mas, mesmo sem elle, o balão ergue-se, paira e sóbe... e vae subindo...

Esta sahida trouxe logo uma reen-trada feliz : a do nosso saudoso collega *Eloy, o heroe*.

Começou a publicar-se em S. Paulo um periodico com o titulo — *O Domingo*.

E' jornal humoristico e vem, diz elle, preencher uma lacuna : offerer pilherias e artigos ligeiros á população de S. Paulo, aos domingos.

Desejamos ao novo collega innumeraes domingos de vida e de prosperidade.

Nem *A Semana* poderia deixar de querer bem ao *Domingo*.

Apparecerá em novembro proximo um novo periodico humoristico e illustrado : — *Rataplan!* — de propriedade de Lopes Cardozo & C. Será desenhado por Belmiro de Almeida e outros artistas de merecimento. Seja bem vindo!

S.

CANÇÃO

As crenças da minha infancia,
As minhas crenças d'outrora,
Exhalam toda a fragrança
Reverdecera agora.

São como as heras que enlaçam
As solitarias ruínas,
São como braços que abraçam
Numas caricias divinas.

O' crenças da minha infancia,
Minha alegria de então !
Da vossa doce fragrança
Enchei o meu coração.

Porto, 1886.

ALBERTINA PARAIZO

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Do Sr. conselheiro Franklim Doria um opusculo com o titulo — *Discurso e poesia em homenagem a Camões no seu terceiro centenario*.

E' o discurso proferido pelo auctor na camara dos deputados, na sessão de tres de Junho de '80, em que foi apresentada a moção que considerou feriado o dia 10 de Junho d'aquelle anno.

A poesia é uma ode feita a Camões e publicada em o numero especial da extincta *Revista Brasileira*.

Tudo muito bom.

Tambem nos veio, da Bahia, um pequeno volume de versos — *Vespertinas*,

firmado por Baptista Massena. São versos de principiante, mas principiante esperançoso, como bem diz o prefaciador do livrinho, Xavier Marques.

O Sr. S. Adrecal mandou-nos um folheto com 32 paginas: *Desafinações*. Pretendem ser poesias epigrammaticas e satyricas. O auctor tem umas idéias ás vezes engraçadas, mettidas em pessimos versos, na maior parte errados e sem grammatica. Graça que não tem arte é graça desgraçada.

O Sr. José Carlos de Carvalho enviou-nos um folheto de grande utilidade pratica para os emigrantes. Intitula-se — *A provincia de S. Paulo no Brazil*.

E' uma demonstração critica e analytica das vantagens enormes que aquella provincia offerce aos emigrantes. As judiciosas considerações do auctor são baseadas nas estatisticas e no estudo de todas as condições climatologicas e rurales que S. Paulo offerce aos seus habitantes.

O livro é enriquecido por um bello mappa da provincia, feito de modo a mostrar ao emigrante toda a porção de terrenos despovoados.

E', pois, uma obra utilissima, de character positivo e scientifico, escripta em estylo claro e desataviado, cheia de tabellas e de calculos estatisticos, como convem ás obras de propaganda.

F.

THEATROS

S. PEDRO

Com uma casa quasi cheia deu o Conde Patrizio de Castiglioni na quinta-feira o seu primeiro espectáculo.

E' ocioso dizer-se o que vale o illustre prestigiador. O publico já tem tido muitas occasiões de admirar os seus trabalhos extraordinarios e sorprendentes. O programma foi muito variado e d'elle o que mais agradou, além das sortes de agilidade, foi a sessão illusionista dos espectros vivos e impalpaveis, que é realmente uma maravilha.

O Conde Patrizio é uma notabilidade e é, no seu genero de trabalhos, o melhor artista que temos visto.

Hoje novo programma.

SANT'ANNA

Quinta-feira o *Heróe á força* que continúa a agradar muito, foi reforçado pelo *vaudeville* em 1 acto *Musica classica*, traduzido do italiano pelo Sr. Azeredo Coutinho.

O libreto não é desengraçado e a musica não é má. O desempenho foi regular e a concurrencia foi pequena.

Hoje *A Corça do bosque*.

RECREIO

Está em ensaios a peça de grande espectáculo *O filho da noite*.

Hoje *A Martyr*.

LUCINDA

Na quinta-feira a companhia Furtado Coelho deu em primeira representação a *Seraphina*, de Sardou.

Repete-se hoje.

P. TALMA.

A FLOR DE SANGUE

Se os errantes
Beija-flores,
Que de olores
São amantes;

Que, arrogantes,
Dão ás flores
Seus amores
Petulantes,

Virem, bella,
Toda em fogo,
Tua bocca de rubis,—

Virão logo
Pousar nella,
Num enxame — os colibris.

H. de M.

SPORT

Apezar do tempo chuvoso no domingo passado as corridas do *Derby Club* estiveram animadas e bem concorridas.

Eis o resultado :

No 1º pareo (1450 metros) correram *Americana, Villa Nova, Orpheu, Peralta 2º, Morena, Caporal, Aranha e Aparecida* que em 103 segundos bateu inesperadamente ao seus competidores. *Orpheu* chegou em 2º e *Villa Nova* em 3º. *Saltarelle* não correu.

No 2º pareo (1450 metros) *Cheapside*, em 96 segundos, venceu com difficuldade *Boreas*, que apenas perdeu por cabeça. *Gaudriole* em 3º. *Madama* não correu.

No 3º pareo (1609 metros) *Odalisca*, em 109 segundos, bateu *Dandy*, que se fatigou muito com as diversas partidas falsas. *Plutus* e *Galgo* não correram.

No 4º pareo (1609 metros) os animaes conservaram-se quasi todo o trajecto juntos e em porfiada luta, vencendo *Druid*, em 108 segundos. *Biscaia* em 2º, *Boyardo* em 3º e *Diva* em 4º, com geral admiração!! *Ivon* e *Regina* vieram na retaguarda. *Nicoafy* não correu.

No 5º pareo (2000 metros) *Satan*, em 135 segundos, bateu *Catita*, que chegou em 3º. e *Peruana* que chegou em 2º, fazendo boa corrida. *Coupon* não correu.

No 6º, pareo (1450 metros) *Phenicia*, fez boa corrida, vencendo em 98 segundos os seus competidores. *Echoron* chegou em 2º, *Pansy* em 3º, *Gabier* em 4º. *Castillione* em 5º, e *Frontin* em 6º.

No 7º pareo (1450 metros) *Boreas* em 98 segundos venceu facilmente *Pery*.

Sylvia II, Carmen e *Eolo* não correram.

No 8º, pareo (1450 metros) *Hipomenes* em 100 segundos venceu os seus competidores. *Argentino* em 2º, *Pip* em 3º, *Chape có* em 4º. *Relampago, Favorita, Onix* e *Attila* chegaram na bagagem. *Condor* não correu.

Realisa amanhã o *Jockey Club* uma esplendida corrida, com um excellente programma perfeitamente organizado, no qual figura o Grande Premio Guanabara, para animaes nacionaes. Eis os parceiros que nelle se alistaram :

Boreas, Sylvia II, Sibylla, Pery e Sans-Souci.

Deve ser um pareo bem disputado e interessante, no tiro de 2000 metros em que se vão bater.

O programma em geral é attrahentissimo e terá certamente innumeros apreciadores.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTICIAS

JOSE' BONIFACIO

Foi imponentissimo o enterramento do grande brasileiro, a 27, no cemiterio da Consolação, sendo o coche funebre acompanhado por mais de 3 mil pessoas, e mais de 60 as corôas depostas sobre o feretro.

A imprensa da corte fez-se representar por alguns de seus redactores que se fizeram transportar em trem especial. Infelizmente nem o director nem nenhum dos redactores d' *A Semana* foi informado d'aquella excepcional homenagem da imprensa da corte.

Foi com profundo pesar que d'ella soubemos, lamentando não nos liaver sido dado tambem associar-nos a tão merecido preito. Para remediar essa falta telegraphou o nosso director a Gaspar da Silva, redactor do *Diario Mercantil*, rogando-lhe que representasse *A Semana* nas cerimoniaes funebres e apresentasse as suas profundas condolencias á familia do illustre morto. Innumeraveis têm sido as manifestações de pesar prestadas na corte e em S. Paulo como nas demais provincias.

Os Srs. Drs. Gavião, Leoncio de Carvalho e Brazilio Machado estão preparando uma grande sessão funebre.

Os estudantes de preparatorios da corte vão realizar tambem uma sessão funebre, amanha.

Gaspar da Silva lembrou-se com geral appiauso que se erigisse uma estatua ao grande cidadão e grande poeta.

As ultimas palavras pronunciadas em publico por José Bonifacio foram em viva: «á liberdade do povo!»; pois bem: que o povo lhe pague essa divida erguendo-lhe a imagem vasada em bronze para que elle possa continuar, eternamente, a viver no seio do povo.

FAGUNDES VARELLA

No dia 2 de Novembro proximo serão trasladados para o jazigo perpetuo, adquirido por iniciativa do Club Kean e do Congresso Guarany, no cemiterio de Maruhy, Nicttheroy, os ossos do mallogrado poeta Luiz Nicoláu Fagundes Varella. O discurso official será pronunciado pelo Dr. Cyro de Azevedo.

H. BERNARDELLI

Inaugura-se hoje em uma sala da Typographia Nacional a exposição de pintura de Henrique Bernardelli.

O Sr. Silva Figueiró está promovendo a fundação de uma secção nesta capital, da *Union Ibero-Americana*, tendo-se realizado para esse fim uma primeira reunião que foi muito concorrida.

CONCERTOS

No dia 22 realisou-se o de Felix Bernardelli no salão do Conservatorio de Musica, que esteve repleto; uma enchente excepcional. O programma, cuja organização foi uma boa mostra do bom gosto artistico de Bernardelli, foi em geral magistralmente executado. Bernardelli tocou com extremada correção e vivo sentimento a *Elegia*, de Bazzini, e a *Danse Polonaise*, de Wieniawski, provando que o violino poucos segredos ainda tem para elle. A distincta amadora D. A. de Saldanha cantou com muito mimo *Amami!* - romanza

de Denza e outra de Bollo—*Speranza!* Os demais artistas, especialmente Nascimento, que tocou deliciosamente no seu encantado violoncello, foram applaudidos com enthusiasmo. Uma bella festa.

A 25, no mesmo salão, realisou-se o grande concerto annual de Cernicchiaro, que agradou muito em uma *Ave-Maria*, de Bazzini e em uma bella peça de sua composição.

A Sra. Siebs cantou perfeitamente *Pietozo accento*, de Kilmann, (pseudonymo de Cernicchiaro). Todos os artistas que tomaram parte no concerto foram ruilôsamente applaudidos.

Este concerto não foi inferior aos que o distincto violinista tem offerecido aos seus muitos admiradores.

O Congresso Litterario Gonçalves Dias realiza no dia 9 de Novembro em uma das salas do externato Pedro 2º uma sessão solemne, commemorativa do passamento do grande poeta brasileiro Gonçalves Dias.

O orador d'esta solemnia é o conhecido e estimado poeta -- Olavo Bilac.

O illustrado e conhecido clinico Dr. Brissay, de volta de sua ultima viagem á Europa, reabriu seu consultorio á rua da Alfandega, n. 70.

O Sr. Leopoldo Heck enviou-nos um cartão specimen dos seus trabalhos de gravura. São admiraveis, perfeitos. Nem já era preciso este specimen para próva, pois que o Sr. Heck de ha muito gosa da merecida reputação de gravador inimitavel.

Com um grande festival commemora amanha a Real Sociedade Club Gynastico Portuguez, o seu 18º anniversario. Correspondendo á amabilidade do seu convite lá iremos felicitar a sua digna directoria.

FALECIMENTO

Em 26 do corrente, victima de uma tistica pulmonar, falleceu a Exma. Sra. D. Alice Clapp, filha do distincto abolicionista João Clapp, a quem com a sua Exma. familia damos os nossos sinceros pezames.

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

6 RUA DO CONDE DE BOMFIM 6

Grande festa em 31 do corrente

A's 11 1/2 EM PONTO

Corridas a pé e em velocipedes,

Exercicios gymnasticos,

Tiro ao alvo,

TOCARA' A EXCELLENTE BANDA DO CORPO POLICIAL DE NICTHEROY

ENTRADA GERAL 1\$—ARCHIBANCADA 2\$

Os Srs. socios têm entrada com o cartão de Outubro.

Arthur Soares, 1º secretario.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Frago, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36

Augusto Luzo.— incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

F. Navarro de M. Salles — encarega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

J. M. Villas Boas da Gama, —dentista—extrahe dentes sem dor. Muzambinho—Minas.

Julio Cezar Tavares Paes encarega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

Lindolpho Coimbra— Bacharel em bellas artes: photographo, chímico e oleographo. Rua de Santo Antonio—Santos.

Relojoefro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Photographo—Hygino Lopes—Barbacena.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fóra.

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA OITAVA CORRIDA

QUE TERA' LOGAR

DOMINGO, 31 DE OUTUBRO DE 1886

GRANDE PREMIO GUANABARA

1º pareo—YPIRANGA—Handicap—1.609 metros—Animaes nacionaes de 3 annos—Premios: 700\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

| Ns. | NOMES | NATURALIDADE | PESO | PROPRIETARIOS |
|-----|-----------------|--------------------|---------------|-----------------------|
| 1 | Tamoyo..... | S. Paulo..... | 50 kilos..... | Coud. Rio de Janeiro. |
| 2 | Argentino..... | Rio de Janeiro.... | 52 » | D. A. |
| 3 | Pip..... | S. Paulo..... | 52 » | B. V. |
| 4 | Odalisca..... | Idem..... | 58 » | R. M. |
| 5 | Plutus..... | Idem..... | 60 » | Coudelaria Cruzeiro. |
| 6 | Galgo..... | Idem..... | 58 » | S. M. |
| 7 | Feiticeira..... | Rio de Janeiro.... | 54 » | S. M. |
| 8 | Dandy..... | S. Paulo..... | 58 » | F. Vianna. |
| 9 | Attila..... | Paraná..... | 52 » | Coud. Santa Cruz. |

2º pareo—FERREIRA LAGE—1.450 metros—Animaes de meio sangue, — Premios: 500\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

| | | | | |
|----|-----------------|-------------------|---------------|----------------------|
| 1 | Apparecida..... | Rio de Janeiro... | 50 kilos..... | D. A. |
| 2 | Araby..... | Idem..... | 54 » | Mario de Almeida. |
| 3 | Sartarelle..... | Paraná..... | 54 » | J. W. |
| 4 | Catana..... | S. Paulo..... | 50 » | J. W. |
| 5 | Ivon..... | Paraná..... | 54 » | C. P. |
| 6 | Morena..... | Idem..... | 50 » | J. L. Costa. |
| 7 | Orpheu..... | S. Paulo..... | 54 » | J. Lemos, |
| 8 | Biscaia..... | Idem..... | 52 » | Coud. Santa Cruz. |
| 9 | Paulicéa..... | Idem..... | 52 » | Coudelaria Paulista. |
| 10 | Douro..... | Rio de Janeiro... | 54 » | J. Guimarães. |
| 11 | Guanaco..... | Paraná..... | 54 » | Coudelaria Mirim. |
| 12 | Nicoafy..... | Idem..... | 52 » | J. P. |
| 13 | Caporal..... | S. Paulo..... | 52 » | R. M. |

3º pareo—INTERNACIONAL—1.609 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 600\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

| | | | | |
|---|----------------|-----------------|---------------|-----------------------|
| 1 | Gazida..... | França..... | 48 kilos..... | A. T. |
| 2 | Cheapside..... | Inglaterra..... | 48 » | J. R. |
| 3 | Mastin..... | França..... | 50 » | Coudelaria Cruzeiro. |
| 4 | Diomedé..... | Idem..... | 50 » | Oliv. Junior & Lopes. |

4º pareo—VELOCIDADE—1.000 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 500\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

| | | | | |
|---|----------------|-----------------|---------------|-----------------------|
| 1 | Gaudriole..... | França..... | 52 kilos..... | Coud. Rio de Janeiro. |
| 2 | Cheapside..... | Inglaterra..... | 52 » | J. C. |
| 3 | Speciosa..... | Idem..... | 54 » | Coud. Internacional. |
| 4 | Curubaiá..... | Idem..... | 56 » | D. F. P. |

5º pareo—EXPERIENCIA—1.450 metros—Animaes estrangeiros de 2 annos—Premios: 500\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

| | | | | |
|---|------------------|------------------|---------------|-----------------------|
| 1 | Africana..... | Rio da Prata.... | 46 kilos..... | O. L. C |
| 2 | Frou-Frou..... | França..... | 48 » | Coud. Rio de Janeiro. |
| 3 | Gabier..... | Idem..... | 46 » | S. M. |
| 4 | Echiron..... | Idem..... | 50 » | S. M. |
| 5 | Amazonas..... | Inglaterra..... | 48 » | L. & C. |
| 6 | Castellione..... | França..... | 48 » | Coud. Santa Cruz. |

6º pareo—GRANDE GUANABARA—2.000 metros—Animaes nacionaes—Premios: 5.000\$ ao 1º, 1.000\$ ao 2º e 500\$ ao 3º

| | | | | |
|---|-----------------|------------------|---------------|-----------------------|
| 1 | Boreas..... | S. Paulo..... | 58 kilos..... | Coud. Rio de Janeiro. |
| 2 | Pery..... | Idem..... | 56 » | Manoel S. Ferreira. |
| 3 | Sylvia II..... | Idem..... | 56 » | Coudelaria Cruzeiro. |
| 4 | Sybilla..... | Idem..... | 54 » | Idem. |
| 5 | Sans-Souci..... | Minas Geraes.... | 58 » | Idem internacional. |

7º pareo—HANDICAP—2.000 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 800\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

| | | | | |
|---|---------------|-----------------|---------------|-----------------------|
| 1 | Curubaiá..... | Inglaterra..... | 64 kilos..... | D. F. P. |
| 2 | Bonita..... | S. Paulo..... | 50 » | José Machado. |
| 3 | Plutão..... | França..... | 75 » | Coudelaria Cruzeiro. |
| 4 | Talisman..... | S. Paulo..... | 60 » | Idem. |
| 5 | Diomedé..... | França..... | 62 » | Oliv. Junior & Lopes. |
| 6 | Baioco..... | S. Paulo..... | 55 » | Idem. |
| 7 | Boyardo..... | Idem..... | 55 » | Coud. Guanabara. |

O 1º SECRETARIO, H. G. POSSOLLO.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

OS DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
João Lopes Chaves.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C,

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A